

Sobre os/as autores/as

ANA LÚCIA PONTES

Encantou-se com a riqueza sociocultural dos povos indígenas durante a faculdade de medicina com o Projeto Xingu. Em 2007, a convite de Luiza Garnelo se envolveu com a formação profissional de Agentes Indígenas de Saúde na região do Alto Rio Negro. No doutorado, pesquisou a organização do subsistema de saúde indígena, a atenção diferenciada e o trabalho do AIS, e desde então, se dedica a projetos de pesquisa, ensino e cooperação em saúde indígena. É pesquisadora junto a Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca/Fiocruz.

ANTONIO CARLOS DE SOUZA LIMA

É licenciado em História, Mestre e Doutor em Antropologia Social pelo Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, local onde hoje é docente. É pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e Bolsista Cientista do Nosso Estado da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj). Tem trabalhado sobre as relações de poder entre o Estado Brasileiro e os povos indígenas, tendo se dedicado também à contribuir para o acesso dos povos indígenas ao ensino superior no Brasil.

ANTONIO MOTTA

Realizou sua formação em nível superior graduação, mestrado e doutorado na Universidade de Paris-Sorbonne e na École des Hautes Études en Sciences Sociales de Paris. É docente da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Trabalhou em algumas universidades na França, Espanha, Portugal e Inglaterra. É autor de vários trabalhos publicados no Brasil e no exterior, consultor científico de periódicos, editor de revista, coordenador do projeto editorial da Associação Brasileira de Antropologia/ABA.

ASSIS DA COSTA OLIVEIRA

É investigador das lutas sociais por direitos, tem por especialidade os direitos humanos e por ideal a busca pela efetivação do Estado plural. É professor do Curso de Etnodesenvolvimento da Universidade Federal do Pará (UFPA), *Campus* de Altamira, mas por hora se tornou estudante para cursar doutorado em Direito na Universidade de Brasília.

BRUNO PACHECO DE OLIVEIRA

Cientista social e documentarista. Idealizou e coordena, desde 1997, o acervo e a produção audiovisual do Laced/Museu Nacional sob duas perspectivas: o registro histórico e a apropriação política e acadêmica dos conteúdos. Realiza trabalhos junto a diversas organizações indígenas como APIB, COIAB, APOINME, CIR, CGTT e outras. Acredita que o fortalecimento da cultura local ensina à humanidade formas de viver mais equânimes e prósperas.

CAMILLE GOUVEIA CASTELO BRANCO BARATA

É cientista social, feminista e desenhista nas horas vagas. Acredita que por meio da Ciência e da Arte é possível desconstruir e combater preconceitos. Faz mestrado em Antropologia na UFPA, onde tem aprendido com mulheres indígenas sobre como o corpo e suas marcas dizem da vida e da luta das mulheres.

CLARISSE CALLEGARI JACQUES

É arqueóloga, fez doutorado no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPA. Nas suas pesquisas de campo, encantou-se com os diferentes entendimentos das pessoas sobre os vestígios arqueológicos. Atualmente atua como uma profissional que busca ampliar o campo da arqueologia incluindo nele o respeito à diversidade cultural e a participação de povos e comunidades tradicionais na pesquisa.

JANE FELIPE BELTRÃO

Gosta de “contar histórias” que podem contribuir para o entendimento entre povos na tentativa de diminuir os preconceitos e combater o racismo, pois é antropóloga e historiadora. Trabalha na UFPA, é pesquisadora

junto ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e ousa escrever livros para público não acadêmico.

KATIANE SILVA

É psicóloga e antropóloga. Engajou-se, desde 2007, em propostas de pesquisa e extensão junto aos povos indígenas e tradicionais na Amazônia, sempre em busca de trabalhar de modo interdisciplinar e priorizando o protagonismo indígena na política cotidiana. Recém concursada como docente de Etnologia Indígena na UFPA.

LAISE LOPES DINIZ

É nascida em Santarém do Pará, tem o Tapajós como o rio que guarda as vivências da infância e parte da vida adulta. Nos últimos 13 anos viveu no rio Negro. A diversidade de povos e paisagens promoveu vivências tão marcantes, que ficou um sentimento de dúvida sobre qual é o rio mais importante em sua vida. De 2001 a 2015, atuou no Programa Rio Negro/ISA, junto aos Baniwa na construção da Escola Pamáali e em projetos socioambientais. É antropóloga especialista em educação escolar, com foco principalmente nos processos de formação que articulem a escola aos projetos de bem viver dos povos.

LUIZA GARNELO

Gosta de viajar pela Amazônia e, em particular pelos rios do Alto Rio Negro, ouvindo as histórias contadas pelos velhos conhecedores indígenas. Como é médica e antropóloga gosta mais de ouvir os relatos tradicionais que tratam dos assuntos de saúde. É bolsista do CNPq e trabalha no Centro de Pesquisas Leônidas & Maria Deane, da Fundação Oswaldo Cruz do Amazonas onde ministra aulas de pós-graduação e desenvolve pesquisas em antropologia e saúde e saúde indígena.

MARIAH TORRES ALEIXO

É advogada e mestre em Direitos Humanos. Realiza pesquisas indo em vinda entre a Antropologia e o campo jurídico, com foco especial nas questões atinentes a gênero, violência e povos tradicionais, especialmente, povos indígenas e quilombolas. Atualmente é docente junto à Universidade Federal do Amapá (UNIFAP).

PAULA MENDES LACERDA

É cientista social e antropóloga, acha que uma das tarefas mais importantes da antropologia é fortalecer, através da pesquisa e do conhecimento científico, coletividades que lutem em defesa dos direitos de povos e comunidades tradicionais, mulheres e crianças. Trabalha na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), onde desenvolve pesquisas sobre movimentos sociais, gênero e direitos humanos.

RITA DE CÁSSIA MELO SANTOS

Formada em História segue para a Antropologia. Trabalhou em escolas, museus e universidades. Acredita que o mundo é uma grande sala de aula onde se aprende e ensina razão pela qual investe esforços produzindo exposições, cursos e vídeos sobre os povos indígenas no Brasil. Em 2015, vinculou-se ao *Museu de Astronomia e Ciências Afins* onde desenvolve pesquisa sobre os investimentos científicos na Amazônia.

RODRIGO DE MAGALHÃES OLIVEIRA

É Mestre em direitos humanos, assessor do Ministério Público Federal em Santarém, onde atua em defesa das diversas formas de se viver na Amazônia. É colaborador do Centro de Informação da Consulta Prévia e desenvolve pesquisa nos campos dos direitos étnicos e raciais, direito socioambiental e antropologia jurídica.

ROSANI DE FATIMA FERNANDES

Kaingang, educadora, fez mestrado em Direito, é doutoranda em Antropologia Social no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará. Tem buscado formação interdisciplinar porque acredita que o diálogo é necessário na batalha que trava cotidianamente na defesa de direitos indígenas e no enfrentamento de preconceitos. Trabalha na formação de educadores indígenas e não indígenas porque acredita que um Brasil que respeita as diversidades é possível!

RHUAN CARLOS DOS SANTOS LOPES

Paraense nascido em Bragança, formou-se em História na Universidade Federal do Pará e decidiu dialogar diretamente com a Antropologia e Arqueologia, fazendo pós-graduação na mesma instituição. Hoje, desenvolve pesquisa de doutoramento junto aos *Tembé* de Santa Maria do Pará, com apoio de CAPES e CNPq.

SULLY SAMPAIO

É cientista social e tem trabalhado ao longo dos últimos 20 anos com povos indígenas do Alto Rio Negro. Desenvolve atividades de pesquisa e assessoria às organizações indígenas locais, principalmente na saúde indígena e controle social em saúde. Também é fotógrafo e faz registros do cotidiano e do trabalho em campo. É bolsista FAPEAM/FIOCRUZ, atuando no Instituto Leônidas e Maria Deane – Fiocruz/Amazônia.

THIAGO LOPES DA COSTA OLIVEIRA

É historiador de formação e antropólogo por vocação. Dedicou-se à fotografia, ao cinema e à formação de coleções etnográficas por acreditar que é preciso ampliar as formas pelas quais os conhecimentos e as histórias dos povos tradicionais chegam à sociedade mais ampla. Desenvolve pesquisas na Amazônia desde 2011, tendo convivido com os povos Baniwa, no Alto Rio Negro (AM), e Kayapó e Asuriní, no médio curso do rio Xingu (PA). É coordenador do Programa de Documentação da Cultura Material Baniwa do Museu do Índio (FUNAI-UNESCO) e bolsista de pós-doutorado (CAPES-PNPD) do PPGAS-MN-UFRJ.

WILLIAM CÉSAR LOPES DOMINGUES

Indígena do povo *Xakriabá*, chama-se Uwira, um curumim grande que gosta de brincar com as palavras escritas e faladas, aprendendo-ensinando e brincando, talvez por isso seja pedagogo e antropólogo em formação. É professor da disciplina Saúde & Sociedade no Curso de Etnodesenvolvimento da UFPA, onde aprende e ensina com os parentes indígenas, os quilombolas e demais povos tradicionais.